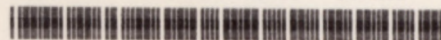


NATAL. As festas de antigamente - costumes interessantes - a missa do gallo - um natal memoravel - a "Pastoral" de Coelho Netto. O Estado de São Paulo, São Paulo, 24 dez. 1929.

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030709

NATAL *O Estado*

As festas de antigamente — Costumes interessantes — A missa do gallo — Um Natal memoravel — A "Pastoral". de Coelho Netto

CAMPINAS, 24. 112/29

A festa do Natal, em Campinas, constituiu sempre uma das mais attrahentes para a alma popular. Em tempos que já ficaram muito longe, nessa noite festiva, as egrejas não fechavam e ficavam repletas de familias. As senhoras abastadas levavam suas pagens, escravas de confiança, que lhes conduziam pequenos tapetes sobre os quaes se ajoelhavam e se sentavam para assistir aos actos religiosos. Curioso isto, mas plenamente explicavel pelo facto de não haver em nossos templos, naquellas era bancos nem cadeiras.

A missa do gallo era uma das maiores solennidades dos crentes. Ao "Gloria in excelsis Dei", o canto angelico, repetido pelo sacerdote diante do altar, a orchestra enchia o ambiente de harmonias festivas, os sinos repicavam e as salvas de baterias estrondavam na praça da Matriz Velha. O jubilo e o respeito identificavam-se em todos os fieis alli reunidos para glorificarem o nome do Deus.

O interior da igreja era illuminado a velas de cera, collocadas não só nos altares, como em lustres suspensos ou em arandelas pregadas nas paredes. Fora, na praça, o povo se movia ao clarão de grandes fogueiras de lenha, que concorriam para se quebrar a escuridão da noite, pois, por essas epochas, não havia aqui illuminação publica de especie alguma.

"Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade" era e é ainda o cantico que se reproduzia e se reproduz, espalhando sobre a christandade, consoladora esperança de felicidade.

Vem a proposito o que o principe dos prosadores patricios, Coelho Netto, escreveu certa vez: "Paz na terra" mas como poderá existir no meio da ambição, na desigualdade humana, esse esplendor da harmonia! Bençãem celestial, pudessem tu realisar o prodigio que apregoas! Pudessem tu aplacar a sede dos homens ambiciosos e os corações perderiam o seu veneno que é o odio, conservando apenas o perfume que é o amor".

Esta pequenina transcrição desperta entre os campineiros a reminiscencia de um memoravel acontecimento literario occorrido aqui, em 1903, ao tempo em que o brilhante escriptor residia nesta cidade e honrava como lente a cadeira de literatura do Gymnasio do Estado.

Foi pela epoca do Natal. A residencia de Coelho Netto constituir-se num centro artistico de fino quillate, onde, como já foi dito por alguém, as musas concertavam e inspiravam encantadoras diversões musicas e literarias. Olavo Bilac, aquelle formoso espirito, aquelle coração que era precioso escriptor de affectos, teve occasião alli de deslumbrar a assistencia com as scintillações do seu talento, recitando poesias suas com a pureza de arte impecavel que arrebatava!

Havia o Club Musical "Livro Azul", composto de pequeno numero de familias, tendo como presidente, secretario, thesoureiro,

toda a directoria, enfim, encarnada na pessoa do chefe da casa daquelle titulo — Castro Mendes. Dentro dessa associação surgiu a idéa de fazer uma festa do Natal, de caracter intimo. E Coelho Netto, como "principal do bando", incumbiu-se de escrever alguma coisa sobre o suave mysterio. O plano esboçado pelo eminente escriptor foi, porém, crescendo e essa "alguma coisa" tomou grandes proporções!

Não poderia mais ser apresentado esse trabalho numa pequena sala, como a principio foi projectado. Foi levado para o Theatro São Carlos, edificio mais tarde demolido. A peça intitulava-se "Pastoral", um mimo litterario, e era dividida em tres partes: Anunciação, Visitação e Natal. Os ensaios na casa de Castro Mendes eram concorridissimos. Organizaram-se corpos de coristas de ambos os sexos, inclusive associados allemães do antigo Club Concordia, orchestra de amadores, tendo como regente o saudoso musicista Olegario Ribeiro. Os papéis estavam confiados a amadores, exclusivamente. Preciosa foi a collaboração dos maestros Sant'Anna Gomes (preludio), Henrique Oswaldo (Anunciação), Francisco Braga (Visitação) e Alberto Nepomuceno (Natal).

O embaraço de alguns "artistas", nos primeiros ensaios, punha ás vezes a nota comica na sala.

Um personagem tinha que dizer, por exemplo: "Cabellos compridos como os dos nazires". Trocava as bolas e lá se sahia com esta: "Cabellos compridos como os dos narizes".

Outro, um pastor: "Eu que conheço todas as ovelhas do ceu, como as estrellas do meu rebanho..." E Coelho Netto vingava-se... rindo, gostosamente, dos disparates.

A "Pastoral" foi levada á scena a 25 de Dezembro de 1903, com um enorme successo. O theatro revestia-se de galas, brilhantemente illuminado. As localidades ficaram repletas de tudo quanto havia de mais distincto da sociedade campineira e de muitas pessoas de cidades vizinhas. A imprensa paulistana fez-se representar, vindo por parte do "Estado" o inolvidavel Augusto Barjona.

Tudo isso já ficou muito longe, cabendo, entretanto, aqui, estas observações judiciosas, traçadas pelo grande escriptor da "Pastoral", quando ainda moço: — "Não vêem os velhos senão o passado — d'olhos no horizonte de que se afastam a mais e mais, contemplando esse fundo de que se vae a pouco e pouco abrumando em nevoas crepusculares, elles não vêem o que se passa na planície, não sentem a vida que pullula em explosões junto delles e cuidam apenas, com egoismo, do que foram, agarrando-se a reminiscencias que lhes dão a illusão do dia, emmurhecidos."

E esse Natal de ha 26 annos — refulge ainda hoje como uma das mais bellas paginas da historia literaria desta terra.